

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 1 Janeiro - Abril 2024

APRESENTAÇÃO

## RECONHECENDO VESTÍGIOS DE UMA ARQUEOLOGIA NEGRA COLETIVAMENTE ATUANTE NO BRASIL

Lara de Paula Passos\*, Patrícia Marinho de Carvalho\*\*

Saudações afrodiaspóricas a todes! Neste momento, pedimos agô [licença] às figuras ancestrais e antecessoras para versar aqui, reconhecendo que nossos passos vêm de longe (Silva Simoni, 2019; Werneck, 2010), além de apresentar as nuances deste presente caminhar.

É com grande entusiasmo que trazemos à comunidade leitora o primeiro volume do dossiê Arqueologias Negras: Nossas Lutas, Nossas Histórias, fruto de compromisso entre a Rede de Arqueologia Negra (NegrArqueo) e a *Revista de Arqueologia* da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB).

A publicação deste dossiê, dividido em dois volumes, é emblemática ao inaugurar, no cenário nacional, um registro documental em compêndio da presença dos trabalhos de pessoas negras e afrodiaspóricas no campo da arqueologia produzida no Brasil, enquanto uma prática política interconectada e propositiva inserida no cenário científico contemporâneo. Alinhada aos processos globais de retomada promovidos por populações com marcadores sociais da diferença historicamente marginalizados (Silva, 2017), esta iniciativa também assinala um reconhecimento material da contribuição desta parcela da população para a ciência. Ademais, coaduna com as propostas de engajamento prático em ações afirmativas dentro dos nossos ambientes profissionais específicos, ainda muito operados sob a lógica da máquina estrutural hierarquizante e excludente (Ribeiro, 2017), em especial no âmbito da inserção e permanência em espaços mais prestigiados de produção e divulgação de conhecimento.

Em decorrência do já mapeado cenário de manutenções e reiteraões coloniais (Ribeiro *et al.*, 2017), vivido não apenas dentro, mas também “fora” da arqueologia, com o aumento expressivo de construção e propagação de células conservadoras, antidemocráticas e anticientíficas, é possível constatar a necessidade de firmar compromissos éticos e políticos de defesa da alteridade, do direito ao bem viver (Krenak, 2020) e de equidade, algo que

\* Doutoranda em Antropologia, com área de concentração em Arqueologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAn-UFGM). É integrante e representante da Rede de Arqueologia Negra (NegrArqueo). E-mail: [laradepaulapassos@gmail.com](mailto:laradepaulapassos@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5710-8608>.

\*\* Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT-MAE-USP). É integrante e representante da Rede de Arqueologia Negra (NegrArqueo). E-mail: [patymarinho@gmail.com](mailto:patymarinho@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5862-7584>.

possível mediante a especulação de caminhos eticamente engajados e mais diversos, em forma, origem, referencial, composição e conteúdo.

A presença negra na arqueologia do Brasil se correlaciona com a ampliação do Programa Universidade para Todos (Prouni) (Bezerra, 2008), tendo sido significativamente alterada pela Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012). Colhemos agora resultados (Soares, 2022) de maior expressão numérica, ocasionados sobretudo por estas mudanças legislativas nos últimos dez anos, que incluíram as ações afirmativas nos cursos de graduação nas universidades do país. O aumento do povoamento destes espaços permitiu a materialização de sonhos partilhados, porém escondidos abaixo da solidão, adoecimento e exclusão, muitas vezes promovidas pelas estratigrafias opressivas de racismo e epistemicídio (Mbembe, 2020) ainda em vigência e perpetuação nos espaços de construção de conhecimento, poder e autoridade. Entendendo a importância do contexto para a área de conhecimento, avaliamos este também como um espaço apropriado para compartilhar o trajeto histórico que corroborou para a existência deste dossiê, cujos percursos se atrelam à própria constituição da NegrArqueo. Assim, mencionaremos aqui, posterior à apresentação de conteúdo do presente volume, um breve panorama de sua fundação e atuação nestes últimos sete anos de existência.

Os trabalhos aqui publicados apresentam perspectivas diversas e experiências de produção de pensamento crítico (hooks, 2013) a partir de contextos e referenciais afrodiaspóricos e indígenas, reafirmando o compromisso das pessoas envolvidas e da própria pesquisa com um engajamento ativo com questões de política, justiça social (Bastos, 2011) e descolonização (Inglez; Santos, 2022). As contribuições variam entre panoramas teórico-metodológicos de reflexão crítica mais abrangente a estudos específicos de caso e aplicação de um direcionamento arqueológico afrocentrado.

Memórias individuais, coletivas e históricas seguem em atravessamento no trabalho “Destruição, genealogias negras e materialidade do racismo à brasileira a partir da explosão da Ilha do Braço Forte, março de 1954”, de Rafael de Abreu e Souza, que abre este volume. Fundamentado num olhar micro-histórico, o artigo amplia o rol de ferramentas linguísticas e metodológicas para a execução prática de uma ciência que amarra sociologia ambiental, antropologia e história social à ginga arqueológica sob perspectivas ancestrais. Suas ponderações permitem observar criticamente temporalidades atravessadas entre presente e passado, pensando encruzilhadas que refletem sobre o capitalismo e os excessos materiais da modernidade. Contribuí também com a esfera prático-analítica, a qual envolve a materialidade e sua centralidade arqueológica.

“Caracterizar o quilombo como instituição africana: princípios para arqueologia brasileira a partir de Beatriz Nascimento” é o título do trabalho de Pedro Augusto Soares de Menezes, o qual retoma a produção intelectual acerca de quilombos feita pela pensadora e ativista negra Beatriz Nascimento a fim de evidenciar as possibilidades de uso da perspectiva da autora na arqueologia realizada no Brasil. Originando-se no levantamento de trabalhos sobre a diáspora africana na arqueologia, bem como de uma arqueologia da África, convida-nos a transcender as noções sobre a experiência quilombola e suas origens históricas para além da realidade escravista, correlacionando com outras organizações sócio-políticas da África Centro-Occidental o foco de desenvolvimento dessa pluralidade política.

Coadunando com as reflexões pedagógicas acerca dessa área, temos o trabalho de Luciana de Castro Nunes Novaes, Débora Anelli Silva, Daniela Souza dos Santos, João Paulo Dias Pereira e Maria Luiza Eunice Martins de Oliveira: “O projeto de extensão do Laboratório Virtual de Arqueologia e Relações Étnico-Raciais: uma proposta decolonial no ensino superior”. A partir da divulgação científica mediante documentação da instalação do Laboratório Virtual de Arqueologia e Relações Étnico-Raciais,

projeto de extensão na Universidade Federal de Sergipe (UFS), o artigo contribui para apresentar articulações de fomento à aplicação do pensamento decolonial naquela universidade, além de construir mecanismos de visibilidade para intelectuais fora do eixo hegemônico de produção de conhecimento no país. A iniciativa, produzida em coautoria e desenvolvida dentro de espaços acadêmicos formais, amplia o olhar para as viabilidades contemporâneas de mudança ativa em perspectiva experimental.

Luana Rodrigues Nascimento inaugura a segunda metade deste dossiê. Seu artigo apresenta propostas mais situadas de aplicação das temáticas levantadas pelo volume. Seu texto “Na comida de minha vó, um encontro ancestral: reflexões etnoarqueológicas acerca do preparo do quiabo enquanto um mediador de relações afrodiáspóricas” faz um belo mergulho no conceito de Sankofa (Hartemann; Moraes, 2018) ao tratar diretamente do retorno enquanto prática contracolonial de resistência e resiliência mediante pagamentos epistêmicos e memoriais sofridos pelos saberes tradicionais afrodiáspóricos, em especial os conhecimentos envolvendo as práticas culinárias de preparação do quiabo.

Conversando com a publicação subsequente, “A importância da materialidade e dos fazeres na composição dos barquinhos de Iemanjá no Rio Grande do Sul”, de Dandara Rodrigues Dorneles. A autora relaciona dados amostrais da pesquisa de campo seguindo os princípios da etnografia, figurando o conjunto de materialidades e fazeres presentes em preparos ritualísticos dentro de um terreiro do Rio Grande do Sul, cujas práticas implicam na composição e na recomposição de lugares, modos de existência e conhecimentos, possibilitando diálogos com estudos arqueológicos de amplos vieses analíticos, em especial envolvendo a arqueologia da religião e a arqueologia da diáspora africana.

Ainda navegando pela temática tangente do universo marítimo, contamos com a contribuição de com o artigo de Luis Felipe Freire Dantas Santos, em coautoria com Júlio César da Silva Marins e Gilson Rambelli: “A materialidade do tráfico e os desdobramentos no presente: arqueologia marítima do navio escravagista *Camargo*, Angra dos Reis”, que acrescenta elementos interessantes ao debate a partir da ação política de uma práxis arqueológica marítima pelo estudo arqueológico subaquático dos restos do navio escravagista *Camargo*, naufragado, em 1852, na região de Bracuí, na Baía de Ilha Grande/RJ. O material se correlaciona no âmbito analítico tanto ao contexto histórico-social da construção do país quanto com a comunidade quilombola de Santa Rita do Bracuí, localizada nas adjacências territoriais da pesquisa, demonstrando a importância de uma base concatenada de reflexões teóricas, levantamentos históricos e ações pragmáticas no que tange ao combate das violências colonialistas. Costurada a esta empreitada está o trabalho de Géssika Sousa Macêdo sobre patrimônios arqueológicos de São Braz do Piauí, demonstrado em “Retalhos afetivos de tecidos coletivos: vivências decoloniais nas comunidades de São Braz do Piauí”. Nesse artigo, a pesquisadora pensa na aplicabilidade de outras formas de ver e interpretar o mundo pela observação de conflitos e de compartilhamento de saberes, que passam por abordagens afetivas de arqueologias públicas, colaborativas e leituras descoloniais.

“Arqueologia por quilombolas no Brasil: uma narrativa Tupinambá do Baixo Tapajós, Santarém” também compõe este volume especial, e retoma a questão da arqueologia da diáspora africana em reconfiguração de perspectiva, acionando a condição de valorização da pessoa quilombola enquanto detentora de notórios saberes, e não simplesmente enquanto objeto temático a ser investigado em uma pesquisa que não tem preocupação com os pontos de contribuição oriundos de suas experiências científicas e narrativas autoproduzidas. Hudson Romário Melo de Jesus assinala a urgência e a relevância de conversações a respeito das experiências de pessoas quilombolas nas

comunidades e sua conjunção com as vivências acadêmicas, contribuindo enquanto amostragem com o registro documental deste tipo de experiência, ainda timidamente divulgado e executado, mas em aumento significativo no território brasileiro.

Concatenação profícua a estes raciocínios encontra-se no artigo de Gabrielle Reis, “Eu tinha um nome, um sorriso, uma ancestralidade e uma voz”. Seu olhar crítico, situado enquanto pessoa afro-indígena, pousa sob a bioarqueologia em busca de uma pesquisa osteológica descolonial, advogando pelo direito a uma repossalização do material osteológico, o que pode ser observado já em vigor em certa medida, a depender das condições de contexto etnicossociais e culturais de origem das matérias orgânicas em análise.

Antes de concluirmos esta parcela introdutória, gostaríamos de convidar toda a comunidade arqueológica, em sua diversidade situacional, a se engajar com as políticas de ação em defesa da sobrevivência material e epistêmica de grupos socialmente marginalizados dentro e fora da ciência, e em especial na arqueologia brasileira. Esta empreitada, mais do que uma definição de alinhamento ideológico, diz respeito ao comprometimento profissional ético com a diversidade cultural, os direitos humanos e a ampliação de horizontes na produção acadêmico-científica. Assim, o material contido neste volume enriquece o arcabouço informativo em questão, bem como fornece sugestões bibliográficas que apontem para os rumos intentados em gestação coletiva que trarão frutos a serem colhidos em partilha. Apenas quando o diálogo abranger um engajamento público e plural é que poderemos intentar produzir novos mundos, reais, possíveis e cabíveis a todas as arqueologias construtivas. Conscientes de que a liberdade é uma luta em continuum (Davis, 2018), celebramos mais essa pegada no caminho, conscientes da necessidade de alimentação da energia motora para seguirmos marcha adiante, contando com cada vez mais partícipes em disposição nas andanças pelas encruzilhadas do conhecimento.

Desejamos uma boa leitura.

Belo Horizonte, janeiro de 2024.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

BASTOS, Rossano Lopes. Direitos culturais como direitos humanos fundamentais. In: OOSTERBEEK, Luiz (ed.). *Direito ao patrimônio para uma gestão integrada do território*. Tomar (PT): CEIPHAR; Instituto Terra e Memória, 2011. p. 23-34. (Area Domeniu, 4). Disponível em: [https://www.pacadnetwork.com/itm/images/sampledData/Domeniu/Area%20Domeniu%204.Miolo\\_Compressed.pdf](https://www.pacadnetwork.com/itm/images/sampledData/Domeniu/Area%20Domeniu%204.Miolo_Compressed.pdf). Acesso em: 29 jan. 2024.

BEZERRA, Marcia. Bicho de nove cabeças: os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 21, n. 2, p. 139-154, 2008.

CAROMANO, Caroline Fernandes; GASPAR, Meliam Viganó; PEREIRA, Ester Ribeiro; LIMA, Márjorie do Nascimento; LIMA, Jaqueline Carou Felix de. Nem todas são Betty ou Anna: o lugar das arqueólogas no discurso da arqueologia amazônica. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 2, p. 115-129, 2017. DOI: 10.24885/sab.v20i2.547. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/547>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CAROMANO, Caroline Fernandes; TRINDADE, Thiago Berlanga; CASCON, Leandro Matthews. O ensino da arqueologia visto dos bancos da pós-graduação. *Habitus*, v. 12, n. 2, p. 205-220, 2014.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

- HARTEMANN, Gabby; MORAES, Irislane Pereira de. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. *Vestígios*, v. 12, n. 2, p. 9-34, 2018.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- INGLEZ, Mariana; SANTOS, Natalia Vieira. Letramento racial e cultura inclusiva na pós-graduação: ações antirracistas no campo do concreto e do simbólico. *Jornal da USP*, 26 set. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=567058>. Acesso em: 25 jan. 2024.
- KRENAK, Ailton. *Caminhos para a cultura do bem viver*. Organização Bruno Maia. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2021/06/Ailton-Krenak.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Barcelona (ES): Melusina, 2020.
- RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 210-234, 2017.
- RIBEIRO, Loredana *et al.* A saia justa da arqueologia brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, p. 1093-1110, 2017.
- SILVA SIMONI, Rosinalda Côrrea da. Ancestralidade feminina: da essência do sagrado aos movimentos feministas, mulheres negras e representatividade. *Fragments de Cultura*, v. 29, n. 2, p. 293-300, 2019.
- SILVA, Maria do Socorro Pimentel da. A pedagogia da retomada: decolonização de saberes. *Articulando e Construindo Saberes*, v. 2, n. 1, 2017.
- SOARES, Alice de Matos. *Experiências afrodiaspóricas na arqueologia: relatos, sensações e emoções em um Brasil do século XXI*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia) – Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2022.
- WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe!: movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN)*, v. 1, n. 1, p. 7-17, 2010.